

Tommy Wallach

ATÉ O
FIM DO
MUNDO

Tradução

Silvia M. C. Rezende

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2016



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Fotos da capa

Morgan DDL/Shutterstock (jovens abraçados)

solarseven/Thinkstock (cometa)

Título original*We All Looked Up*

ISBN: 978-85-7686-492-9

Copyright © Tommy Wallach, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Simon & Schuster Books For Young Readers, selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division.

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

W179a

Wallach, Tommy

Até o fim do mundo / Tommy Wallach ; tradução Sílvia M. C. Rezende. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.
23 cm.Tradução de: We all looked up
ISBN 978-85-7686-492-9

1. Romance americano. I. Rezende, Sílvia M. C. II. Título.

16-37107

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3



PETER

— Não é o fim do mundo — disse Stacy.

Peter baixou os olhos. Seu olhar vagava perdido no céu, enquanto ele repassava mentalmente a conversa rápida que tivera com o sr. McArthur, sem saber ao certo o que fazer com aquilo.

— O quê?

— Eu disse que não é o fim do mundo. Uma pessoa não gosta de você. E daí?

— Você acha mesmo que ele não gosta de mim?

Stacy bufou. Eles estavam falando disso fazia quinze minutos, o que, de acordo com a experiência de Peter, era aproximadamente catorze minutos a mais do que a sua namorada gostava de falar sobre temas mais sérios.

— Sei lá. Talvez ele esteja com inveja de você ou algo assim.

— Por que ele teria inveja de mim?

— Porque, hum... — Ela jogou o cabelo para um lado, em seguida de volta para o mesmo lugar. Peter nunca entendeu por que Stacy tinha mania de fazer aquilo; talvez tivesse visto em algum comercial de xampu ou coisa parecida. Seu cabelo era de fato muito bonito. Além de ser comprido, castanho, sedoso e brilhante como o tecido sintético de uma camiseta de basquete, ainda seria forte candidato ao mais bonito da escola quando chegasse a época do álbum de formatura. — Você tem muito potencial, sabe?

Uma vida inteira pela frente. Já ele está preso nesta porcaria de escola, ensinando a mesma baboseira de história ano após ano. Se eu tivesse que fazer o que ele faz todo ano, provavelmente acabaria me enforcando dentro do almoxarifado.

— Acho que sim.

Isso nunca tinha passado pela sua cabeça, que um professor pudesse ter inveja de um aluno. Quando era criança, Peter achava que, no momento em se atinge uma determinada idade, alguém vem e lhe dá todo o conhecimento necessário para você se transformar em adulto. Mas ele acabou descobrindo que não é bem assim que funciona. Recentemente, o pai de Peter confessara que, mesmo aos cinquenta e dois anos, às vezes se sentia com vinte e quatro, com uma vida inteira pela frente, intocada igual a um jantar de Ação de Graças. Esse era apenas um dos mistérios do envelhecimento, além da calvície masculina, crises de meia-idade e disfunção erétil. Claro que o único caminho para passar por cima de tudo isso, evitar perder a boa aparência física, os dentes, o cabelo e finalmente o juízo, era bater as botas, opção que *ninguém* queria.

O sr. McArthur era careca. Talvez tivesse disfunção erétil também. Sério, que direito Peter tinha de ficar bravo com um professor de história de meia-idade do ensino médio, com a vida boa que tinha? Em seus três anos e meio na Hamilton, ele tinha sido convidado quatro vezes para o time de basquete. Tinha disputado o campeonato estadual duas vezes e o nacional, uma. Tinha perdido a virgindade com Stacy, ganhado um Jeep animal no seu aniversário de dezesseis anos, tomado todas e se acabado em umas cem festas incríveis. Agora ele estava com dezoito. No outono, partiria para a ensolarada Califórnia (tecnicamente, as cartas de admissão só começariam a chegar em março, mas o departamento esportivo de Stanford garantiu que ele já estava dentro). Fala sério, a vida na faculdade prometia. Morando em uma república, jogando basquete pelo país afora, festas todo fim de semana com o pessoal do time e os caras da república. Stacy com certeza entraria na Universidade Estadual de San Francisco, e assim eles poderiam ficar juntos o tempo todo. Se desse sorte, ele acabaria virando jogador profissional, ou então técnico ou algo assim, e ele e Stacy se casariam e teriam filhos e iriam para Baja ou Tijuana nas férias de Natal e comprariam uma

casa de verão espetacular no lago Chelan, com banheira de hidromassagem e tudo. Era assim que a vida deveria ser, certo? Cada vez melhor?

Mas Peter sabia que não era bem assim para todo mundo; ele assistia aos noticiários (ou dava umas olhadinhas enquanto seus pais assistiam). Pessoas passavam fome. Pessoas perdiam o emprego e depois a casa. Pessoas enfrentavam doenças devastadoras e divórcios complicados, e seus filhos se metiam em acidentes de moto e acabavam em cadeiras de rodas. Talvez a vida do sr. McArthur tivesse piorado desde o ensino médio. Talvez ele realmente *estivesse* com inveja.

Se não era o caso, que diabos ele estava tentando provar durante a aula?

— Para de se preocupar com isso, amor. — Stacy deu um beijo em seu rosto. — Se eu fosse esquentar cada vez que alguém não gosta de mim, eu ficaria, hum... — Ela pensou por alguns segundos, então encolheu os ombros. — Sei lá. Eu ia pirar.

— É. Você tem razão.

— Claro que tenho. E também estou *morrendo* de fome. Vamos.

Era dia de isca de frango à milanesa no refeitório, tradicionalmente um dia feliz (pois a isca de frango da Hamilton era muito boa). Peter lotou a bandeja com duas caixinhas de papel cheias, um Gatorade de limão, um pudim de chocolate, uma maçã, uma barra de cereal e uma tigelinha de salada de alface murcha com cenoura ralada. Em seguida, cruzou o refeitório, de olho no cabelo recém-tingido da sua irmã mais nova (parecia que um duende tinha vomitado e morrido na pia do banheiro que eles dividiam). Ela estava almoçando com aquele namorado esquisito, naquela mesa de esquisitões. Peter ainda se lembrava da sua irmã sentada ao seu lado no sofá da sala, brincando de Lego, antes de se transformar em uma criatura feminina indecifrável.

— Cara, você está bem? — Peter olhou para a mão do seu melhor amigo, Cartier Stoffler. — Já comi umas três iscas de frango suas.

— Está tudo certo, foi mal. O meu dia está estranho. Foi um negócio que um professor falou.

— Você se meteu em encrenca?

— Não é isso. É difícil explicar.

— Sabe qual é o meu truque com os professores? Nunca ligue para o que eles falam.

— Brilhante.

— Foi assim que eu cheguei até aqui — ele disse e então enfiou um pedaço de frango na boca.

Peter riu do modo mais convincente que conseguiu. Cartier quase sempre conseguia levantar seu astral, mas nesse dia não adiantou. A pergunta do sr. McArthur tinha criado um buraco negro que sugou tudo de bom ao seu redor. Ou pior: tinha feito tudo ao redor parecer uma merda. Por exemplo, era uma merda o fato de o ensino médio estar quase acabando. E era uma merda enorme que Cartier tivesse se inscrito na Universidade Estadual de Washington para aprender a fazer cerveja em vez de tentar entrar em alguma da Califórnia. Eles eram amigos desde o primeiro dia de aula do ensino médio, tão inseparáveis que o treinador Duggie tinha apelidado os dois de Oreos (Cartier, apesar de ser negro, insistia que era o recheio, por causa do seu jeitinho doce de ser). Eles dividiram a primeira garrafa de cerveja, o primeiro baseado, as respostas das lições de casa e até mesmo, durante algumas semanas no primeiro ano, Amy Preston, que acabou convencendo os dois de que era perfeitamente normal para uma garota ter dois namorados ao mesmo tempo. Claro que haveria os feriados — Ação de Graças, Natal e as longas férias de verão —, mas não ia ser a mesma coisa. Eles já não andavam juntos como antes. A parte mais dolorosa de tudo isso não era que eles não seriam mais amigos, e sim que nem iriam se importar com isso.

Se nem mesmo ele e Cartier conseguiriam se manter unidos, quem poderia garantir que ele não se separaria de Stacy também? Peter passaria todos os fins de semana jogando em outras cidades, e ela ficaria sozinha. Será que Stacy se manteria fiel? Será que ele se manteria fiel? Será que dali a quatro anos estes últimos quatro anos teriam a mesma importância de agora?

Os pensamentos sombrios não saíram de sua cabeça durante o almoço, mas depois vieram química e pré-cálculo, seguidos de duas horas exaustivas de educação física, correndo em fila indiana sem pensar e fazendo exercícios instintivamente. Foi só no vapor do chuveiro do vestiário que ele teve tempo para refletir de novo. E lá estava a pergunta do sr. McArthur —

“Seria isso uma vitória pírrica?” —, que não saía de sua cabeça, tipo aquelas músicas-chiclete de que a gente só sabe o refrão.

Ele poderia dar uma passada no departamento de história. Se o sr. McArthur já tivesse encerrado o expediente, então seria o fim dessa situação. Caso contrário, bom, pelo menos Peter conseguiria tirar a música idiota da cabeça.



Era a última semana de janeiro em Seattle, o que significava dias traiçoeiramente mais curtos. A gente entrava no ginásio com a maior claridade e, quando saía, o sol se escondia tão rápido atrás do horizonte que até parecia estar fugindo de alguma coisa. Peter saiu do vestiário depois das seis, e só restava um brilho vermelho no horizonte. Fechou o zíper da jaqueta North Face e enfiou as mãos nos bolsos forrados de lã de carneiro. Sua mãe tinha lhe dado luvas de couro no Natal, mas ele parou de usá-las depois que Stacy disse que elas o deixavam parecido com aqueles sujeitos que convidam criancinhas para ver os pirulitos que eles têm guardados na van. Os únicos alunos que ainda circulavam pelo campus eram aqueles que orbitavam nos extremos do espectro trabalho/diversão: os que gostavam de estudar até tarde na biblioteca e a turma folgada do skate, que não tinha nenhum lugar melhor para ir. Dava para ouvir o barulho das rodinhas de dentro do Bliss Hall, o prédio onde ficava o departamento de história.

Peter bateu na porta do sr. McArthur, na esperança de que ninguém atendesse.

— Pode entrar.

A sala era tão apertada que a porta parou em um banquinho no canto, e Peter teve de se espremer no vão que restou. O sr. McArthur estava sozinho — seus dois companheiros de sala provavelmente já tinham ido embora —, sentado em uma cadeira de plástico marrom diante de uma mesa estreita com uma pilha de trabalhos para corrigir. Peter não confiava muito em sua habilidade para adivinhar a idade de pessoas entre vinte e cinco e sessenta anos, mas calculava que o sr. McArthur tivesse uns quarenta e tantos; a testa exibia algumas rugas permanentes, que o faziam parecer

mais preocupado que velho. Ele era popular entre os alunos, simpático sem ser invasivo. Peter sempre gostara dele — até hoje.

— Olá, sr. Roeslin. Fique à vontade.

— Obrigado.

Peter se sentou em um sofazinho. Havia um coelho de pelúcia velho jogado de cabeça para baixo em cima de uma das almofadas. Com o tempo, suas partes cor-de-rosa tinham se tornado cinza. O sr. McArthur escreveu B+ no trabalho que estava corrigindo e circulou duas vezes a nota. Ele não usava a típica caneta hidrográfica, e sim alguma coisa mais fina e elegante, com a ponta de metal em formato de diamante. Fechou a caneta e a colocou de lado.

— Em que posso ajudar?

Na verdade, Peter não tinha pensado no que ia dizer, e agora as possibilidades escapavam de sua mente, caindo umas por cima das outras, feito uma linha de defesa desmoronando com o ataque do time adversário.

— Eu só queria... Sabe aquela conversa que tivemos hoje? O senhor me fez aquela pergunta sobre ser uma estrela do esporte ou algo assim, e nós estávamos falando sobre as coisas que eu faço, lembra? Ou que eu devia fazer. Quer dizer, acho que era isso. O senhor sabe do que eu estou falando?

— Acho que sim — respondeu o sr. McArthur, com um sorriso paciente.

Peter acariciou distraidamente o coelho de pelúcia, tentando lembrar exatamente o que tinha acontecido. Eles estavam estudando a origem da expressão “vitória pírrica”, que é da época dos romanos e significa que a gente pode vencer uma coisa, tipo uma batalha, mas, para vencer, perde tanto que no fim das contas acaba não ganhando nada. O sr. McArthur perguntou à classe se alguém poderia dar um exemplo da vida real. Como ninguém respondia, Peter levantou a mão e disse que, se a gente ganha um jogo de basquete ou de futebol ou algo assim, mas o melhor jogador do time acaba se machucando, isso seria um exemplo. O sr. McArthur assentiu, mas em seguida encarou Peter com aquela sua combinação de olhar intenso e testa franzida e falou:

— Digamos que você tenha sido uma estrela do esporte, que ganhou muito dinheiro, comprou casas enormes e dirigiu carrões. Mas, quando o

seu tempo de estrelato chegou ao fim, você acabou infeliz porque não sabia qual era o sentido da vida que levou. Isso seria uma vitória pírrica?

Ele deixou a pergunta pairando no ar, como a bola de basquete na cesta de três pontos. Então Andy Rowen se intrometeu:

— Eu teria feito tudo do mesmo jeito. — A classe inteira caiu na risada e o assunto mudou para César.

Só que Peter não conseguia parar de pensar que o sr. McArthur provavelmente estava certo: isso *seria* uma vitória pírrica. Depois que os tempos de glória tivessem ficado para trás, e você estivesse no seu leito de morte, visualizando o filminho da sua vida, não seria deprimente pensar que tinha desperdiçado os seus melhores anos *jogando*?

Era esse o pensamento que vinha atormentando Peter ao longo das últimas seis horas, apesar de ele não saber direito como expressar isso em palavras. Ainda bem que o sr. McArthur finalmente o socorreu.

— Peter, desculpe se pareceu que eu estava te criticando. Eu gosto de você. E já vi uma porção de garotos populares nesta escola. Eu estava me referindo àqueles no topo da pirâmide. A maioria deixa isso subir à cabeça, mas não acho que seja o seu caso.

Sem graça diante do elogio, Peter olhou na direção da parede, onde ainda havia um calendário do Advento pendurado. Os bolsinhos da contagem regressiva até o Natal estavam vazios. Ele esperava ouvir um sermão do sr. McArthur, não uma descrição das suas qualidades.

— Pode ser.

— A maioria dos garotos não teria pensado duas vezes no que eu falei. Por que você acha que isso te marcou tanto?

— Não sei.

— Então vou te fazer uma pergunta: o que torna um livro muito bom?

— Eu não leio muito. Quer dizer, além dos que a escola pede.

— Então eu vou te contar. Os melhores livros não tratam de coisas em que a gente nunca pensou antes. Eles tratam de coisas que você sempre pensou, mas que não imaginava que alguém mais tivesse pensado também. A gente lê e de repente passa a se sentir um pouco menos sozinho no mundo. Você passa a fazer parte de uma comunidade cósmica de pessoas que pensam sobre essa coisa, seja lá o que for. Acho que foi isso que aconteceu

com você hoje. O medo de desperdiçar o seu futuro já estava na sua cabeça. Eu só salientei isso para você.

Alguma coisa vibrou dentro de Peter.

— Talvez.

— É bom se preocupar em ter uma vida que faça sentido, Peter. Você é religioso?

— Acho que sim. Quer dizer, eu acredito em Deus e tal.

— Isso faz parte, também. A religião nada mais é do que buscar um sentido para si mesmo. Desculpe se isso é muito pessoal, mas você já perdeu alguém? Quer dizer, alguém muito próximo.

— Sim — disse Peter, surpreso com a intuição aguçada do sr. McArthur. — O meu irmão mais velho, há uns dois anos. Por quê?

— O meu pai morreu quando eu era muito novo. Isso me obrigou a enfrentar algumas coisas que muitos dos meus colegas tiveram o luxo de ignorar. As grandes perguntas. É familiar para você?

— Não tenho certeza.

O sr. McArthur fez uma pausa, esperando para ver se Peter ia dizer algo mais, então contraiu as sobrancelhas grossas.

— O que eu estou querendo dizer, Peter, é que você é uma daquelas pessoas que foram abençoadas não apenas com talento, mas com autoconsciência. Isso significa que você tem o privilégio de escolher o que deseja fazer da vida, em vez de deixar que a vida escolha por você. Mas ter esse poder, o poder da escolha, pode ser uma faca de dois gumes. Você pode escolher errado.

— Como a gente sabe que está escolhendo errado?

— Me responda uma coisa: você acha melhor fracassar em algo importante ou ter sucesso em algo sem importância?

Peter respondeu antes de se dar conta do que estava dizendo:

— Fracassar em algo importante.

As implicações da sua resposta o atingiram como uma cotovelada no peito.

O sr. McArthur riu.

— Você parece apavorado!

— Bom, o senhor está dizendo que eu devia parar de fazer a única coisa que faço bem.

— Não. Não estou dizendo para você parar. Estou dizendo para *avaliar*. Estou pedindo para você *escolher*. Você pode ignorar tudo o que eu falei hoje, se quiser.

— Posso?

— Suponho que dependa do tipo de homem que você quer ser. — O sr. McArthur se levantou e estendeu a mão. — Tenho certeza que você vai descobrir. Venha conversar comigo quando quiser.

Peter também se levantou. Ele era alguns centímetros mais alto que o professor, mas nunca havia se sentido tão pequeno. Eles trocaram um aperto de mãos. Quando Peter estava saindo, o sr. McArthur o chamou.

— Peter.

— Sim?

— O coelho.

Peter baixou os olhos. Ele estava apertando tanto o velho bichinho de pelúcia na mão esquerda que a cara do animal estava achatada.

— Desculpe — disse Peter, e jogou o coelho de volta sobre o sofá.



Do lado de fora, a escuridão já tinha tomado conta. Peter se sentia uma pessoa diferente; todas as suas certezas tinham ido embora com a luz do dia. Tudo estava tão perfeito que de repente o céu parecia estranho: contrastando com o fundo cor de berinjela, brilhava uma única estrela, azul feito uma safira, como se fosse uma partícula de tarde que alguém tinha esquecido de apagar.

Peter ouvir o estalo de uma porta se abrindo. Alguém estava saindo do prédio de artes, um redemoinho de cachecol multicolorido que ele sabia que ela mesma tinha tricotado — Eliza Olivi. Era a primeira vez em quase um ano que eles se viam sozinhos. E isso estava acontecendo justamente hoje, quando poderia ter acontecido em qualquer outro dia. Como as pessoas chamam esse tipo de situação? Serendipidade?

— Eliza — ele chamou. — Está vendo aquela estrela? Que louco, né? Apesar de muito provavelmente ter ouvido, ela continuou andando.